

# Anorexia, natureza morta<sup>1</sup>

Nieves Soria

## O corpo como nome

A escolha do sexo nas mulheres sofre vicissitudes em nada comparáveis à que se impõe para os homens, a tal ponto que Lacan chegará a dizer na aula do dia 11 de junho de 1974 do seminário *Les non-dupes errent*, que a identificação sexuada só é acessível para uma mulher, já que o homem está “entortado por seu sexo”. Este difícil percurso encontra na puberdade um momento crítico e determinante, já que é ali onde “a pulsão sexual, até então predominantemente autoerótica, encontra finalmente o objeto sexual (1)”. É evidente que isto não acontece sem a determinação previa que implica a constituição da fantasia na infância. A respeito disso, Freud nos adverte que “as viradas decisivas devem ter sido cumpridas ou iniciadas antes da puberdade (2)”. Já em relação com a jovem homossexual Freud se perguntava: “Haveremos de esperar que esta época [referindo-se a puberdade] demonstre também algum dia uma decisiva importância? (3)”.

A prática da psicanálise com jovens anoréxicas coloca esta crucial importância no centro da problemática do sujeito, já que regularmente é na puberdade que se manifesta dita posição subjetiva como rechaço do objeto alimentício. Obedece a que esta íntima ligação entre início da anorexia e puberdade? Em *Metamorfose da puberdade*, Freud dirá que “é sabido que até a puberdade não aparece uma clara diferenciação entre o caráter masculino e feminino, antítese que influi mais decisivamente que nenhuma outra sobre o curso da vida humana (4)”. Sendo a pulsão ativa -inclusive ao se propor um fim passivo- e a libido masculina, esta indiferenciação entre ambos caracteres se deverá a que “...a mulherzinha é um homenzinho (5)”. Em seu artigo *Sobre a sexualidade feminina*, Freud dirá que “a vida sexual da mulher se divide sempre em duas fases, a primeira das quais é de caráter masculino, entanto que somente a segunda é especificamente feminina (6)”.

Deste modo o que Freud chamará “complexo de Édipo negativo” se verificará como de crucial importância na escolha da neurose de uma mulher, colocando as dificuldades que a mesma encontra para sair desta primitiva vinculação com a mãe que exclui o pai como um “incômodo rival”. Esta dificuldade levará Freud à seguinte afirmação: “Tive de aceitar até a possibilidade de que muitas mulheres fiquem detidas na primitiva vinculação com a mãe, sem alcançar jamais uma genuína reorientação para o homem. Com isso a fase pré-édipica da mulher adquire uma importância que até agora não se lhe havia atribuído (7)”.

Neste momento constitutivo, Freud localizará “... o temor -surpreendente, porém invariavelmente achado- de ser morta (devorada?) pela mãe (8)”. Com efeito, neste momento a menina toma como objeto de seu amor à mãe fálica, produzindo-se um efeito de completude imaginaria entre ambas, cujo correlato inevitável é a fantasia de devoração materna.

Freud sustenta que na puberdade se atualizam as fantasias da infância que permaneciam até então latentes. Sublinha algumas delas “por sua apresentação geral e sua ampla independência das experiências individuais (9)”, localizando entre elas a vida pré-natal no ventre materno. Tanto a fantasia de devoração como a vida pré-natal no ventre materno são versões de uma fantasia de retorno ao corpo da mãe, que não sem razão se atualiza na puberdade, e particularmente nas mulheres. Porque na relação imaginaria com a mãe o sujeito feminino se abisma em um jogo de espelhos: há um isomorfismo entre seus corpos, o qual acabará de tomar forma na puberdade, irrupção do real no imaginário do corpo, efeito de gozo que encontrará o sujeito no mesmo ponto alcançado em sua constituição infantil, porém devendo agora responder a este gozo a mais.

Ainda que a função paterna não tenha operado a separação entre a mãe e seu produto, este novo corpo, claramente feminino, desalentará o sujeito respeito de sua ilusão de possuir um pênis. Rompe-se a imagem de completude com a mãe fálica, e enquanto o sujeito não disponha de um semblante com o qual dar nome a esta

1 Publicado em espanhol em *Registros. Psicoanálisis y adolescencia. Tomo verde, año 5, 1996.*

irrupção do real, é pelo buraco da castração imaginária por onde se verá levada em sua fantasia ao corpo materno. Freud não deixará de assinalar que estas fantasias são “de grande importância para a gênese de diversos sintomas, pois fazem parte de seus estádios preparatórios (10)”.

Freud situará o complexo de castração como o fator específico do distanciamento da mãe pela menina, donde partem três caminhos possíveis, dos quais localizaremos o primeiro - o afastamento geral ou inibição da sexualidade - como aquele que escolhem os sujeitos que assumem a posição anoréxica, não se reduzindo esse caminho a esta posição. Sua posição de rejeição do objeto alimentício tem como consequência o apagamento dos caracteres sexuais secundários, como assim também da menstruação: aqueles signos no corpo de um gozo diferente do fálico que a puberdade trouxe com ela.

Ali onde o nome do pai como nomeação simbólica falha em dar nome a esse Outro gozo, se localizará a imagem do corpo, a inibição da sexualidade como nomeação imaginária. A imagem do corpo, pertencente ao registro imaginário, passará a funcionar como um nó real que enodará os três registros. A fixidez de um excesso nessa imagem, que se manifesta como um ver-se gorda ainda em estados de máxima magreza, verificará sua versão de real.

Em seu seminário *Les non-dupes errent*, Lacan colocará a tragédia de Antígona como se produzindo “em nome do corpo”, e acrescentará que é isto o que faz com que o belo atinja o alvo com a morte. “Dá no alvo entanto que glorifica o corpo (11)”. Quer dizer que quando a nomeação se produz desde o corpo - que Lacan localiza sempre no registro imaginário -, se produz o efeito do belo, que dá no alvo com a morte.

## A barreira do belo

“Na vaidade que a mulher inspira seu físico, participa também a ação da inveja do pênis, pois a mulher estima tanto mais seus atrativos quanto que os considera como uma compensação de sua inferioridade sexual original (12)”. Freud colocava deste modo em 1932 a particular função de suplência que cumpre o corpo nas mulheres.

O problema, dirá Lacan em seu seminário sobre a ética, é que haveria uma imperceptível distinção, uma *diferença irreduzível* entre a fantasia do falo e a beleza da imagem humana, localizando ali o tropeço da empresa freudiana (13).

Há um gozo próprio do falo respeito do qual a imagem do corpo não pode substituí-lo, já que vem para o sujeito desde fora de seu corpo: “o mais surpreendente é que esse objeto, o *a*, separa este gozo do corpo do gozo fálico (14)”. O corpo se introduz na economia do gozo pela imagem, como já antecipará Lacan em seus estudos sobre o estádio do espelho. “O problema é que o gozo fálico se sobrepõe ao corpo (15)”.

Em sua aula de 11 de junho de 1974 de *Les non-dupes errent*, Lacan coloca que para que uma mulher alcance sua identificação sexuada, é necessário que ela “passe pelo gozo fálico que é justamente o que lhe falta”. É ali onde o recurso à imagem do corpo fracassa. Corpo e falo não coincidem, e é esta pequena diferença que deixa os sujeitos femininos - cuja posição se determina “em nome do corpo” - em um lugar “entre-duas-mortes”, lugar do belo. As referências ao registro da estética em relação ao próprio corpo têm uma presença constante no discurso das anoréxicas. O belo como última barreira ao gozo será o semblante com o qual elas se defendem do real. Este real deve ser localizado aqui como o campo de *Das Ding*, a coisa, o objeto perdido freudiano que somente pode voltar a ser encontrado como nostalgia, cujo lugar é ocupado pela mãe (16).

O desejo como defesa perante o gozo fica aqui aderido à morte:

“Somente a partir da apreensão do belo, pontualmente, na transição da vida para a morte, podemos tentar restituir o belo ideal, a saber, a função que em ocasiões pode adquirir o que se nos apresenta como a forma ideal do belo e, em um primeiro plano, a famosa imagem humana (17)”. O belo é uma função temporal que Lacan exemplifica com a natureza morta. É o brilho da proximidade com a morte, é a morte insinuando-se no

domínio da vida, a vida insinuando-se no domínio da morte, o que detém, fascina, suspendendo o desejo, mas também produzindo uma acomodação sobre o mesmo, que compartilha com o belo a estrutura de armadilha.

Ali Lacan localizará o desejo puro como desejo de morte (18), como desejo de nada (19). Ali localizaremos a posição anoréxica.

## Um dizer que erre à morte

Mas o desejo do analista não é um desejo puro.

No seminário *Les non-dupes errent*, Lacan colocará o desejo de morte como um efeito do amor cristão. Entanto que o amor é extraído do imaginário e localizado no simbólico, que o desejo é deslocado para o real da morte. Sua consequência é o masoquismo como meio de unir gozo e corpo (20).

O que o amor une como meio, somente pode ser desenodado pelo mesmo meio: é o que faz a psicanálise, operando sob transferência: “o amor como meio tem possibilidades de ser puro erro (21)”. “Se o belo atinge o alvo com a morte, o discurso analítico deverá errá-la, corrigindo este deslocamento do desejo, operando sobre o amor de transferência desde o lugar do a-muro (22)”. Com um dizer que aponte para o objeto *a*, causa do desejo, colocando em função o muro existente entre o homem e A mulher barrada. Tratar-se-á de um dizer no qual a morte ficará situada como “princípio”, como “empuxo”. Um dizer para o qual a morte fica “fora de alcance”.

Lacan assinalará o deslocamento do desejo, para a morte como efeito de uma denegação: a do dizer de Cristo. Denegação que se somará ao desconhecimento do inconsciente. A denegação é uma oposição, uma rejeição. Uma forma da negação que recusa passar pela lógica e pela gramática: “O sujeito diz “não!” a esse jogo da intersubjetividade onde o desejo não se faz reconhecer um momento a mais que para se perder em um querer que é um querer do outro (23)”.

Este é o mesmo mecanismo que encontramos na posição anoréxica: tal como colocará Lacan no seminário sobre *O ato psicanalítico*, há algo de indenegável nesse chamado da anorexia que se encarna em um “eu não tomo (24)”. É também a posição descrita em *Les non-dupes errent* da seguinte forma: Lacan perguntou a uma anoréxica por que come nada. A resposta é muito clara: é para desalentar o desejo de saber (saber se come) suposto no Outro, que ela teria deixado se arrebrantar de fome (25).

Uma ação que enuncia uma recusa é equiparável a um dizer que denega. Em ambos os casos o desejo é deslocado para o lugar da morte. Conjunção sem saída, salvo pela inexistência da relação sexual, que abre a porta para o discurso analítico. É por esse “impasse inverificável do sexo”, que este se encontra ligado à palavra. Ocasão para o ato do analista, que não tem outro meio que a palavra, já que recusa toda intervenção sobre o corpo.

Trata-se, efetivamente, de fazer fracassar o saber para que se produza como sintoma. Porém não a través da denegação, como faz a anoréxica, senão introduzindo a dimensão do enigma, que representa alguma verdade (26). É na medida em que a anoréxica pode descansar de sua ação de recusa, pelo efeito de seu encontro com um analista, que poderá “acordar da morte” - assim o precisava uma delas. Novo nascimento, um que na pureza ela se recusara a si mesma, nascimento ali onde o sujeito já não responde com a morte ao Outro gozo.

Já não se trata para ela de responder com um “não-toquem-o-belo”, extremo do pudor, ao impudor do gozo materno, senão de passar ao dizer, ali onde se enodam a impudência e o gozo feminino. A impudência, que não é o impudor, senão o descaro, o atrevimento audaz ou cínico que choca, que indigna. É este laço entre o gozo feminino e a impudência o que fizera dizer a Lacan em *Les non-dupes errent* que o gozo feminino “está muito mais ligado ao dizer do que um imagina (27)”.

O que abre um novo horizonte para a análise.

Tradução: Pablo Sauce

Revisão: Luiz Felipe Monteiro

#### Referências bibliográficas

- 1) Freud, Sigmund. "Metamorfosis de la puberdade", en Tres ensayos para una teoría sexual. Obras completas. Biblioteca nueva. Madrid, 1973. Pág. 1216.
- 2) Freud, Sigmund. "La feminidad", en Nuevas lecciones introductorias al psicoanálisis. Obras completas. Biblioteca nueva. Madrid, 1973. Pág. 2552.
- 3) Freud, Sigmund. "Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina". Obras completas. Biblioteca nueva. Madrid, 1973. Pág. 2552.
- 4) Freud, Sigmund. "La metamorfosis de la puberdade", en Tres ensayos para una teoría sexual. Obras completas. Biblioteca nueva. Madrid, 1973. Pág. 1223.
- 5) Freud, Sigmund. "La feminidad", en Nuevas lecciones introductorias al psicoanálisis. Obras completas. Biblioteca nueva. Madrid, 1973. Pág. 3167.
- 6) Freud, Sigmund. Sobre la sexualidad femenina. Obras completas. Biblioteca nueva. Pág. 3079.
- 7) Ibid. Pág. 3077.
- 8) Ibid. Pág. 3078.
- 9) Freud, Sigmund. "La metamorfosis de la puberdade", en Tres ensayos para una teoría sexual. Obras completas. Biblioteca nueva. Madrid, 1973. Pág. 1227.
- 10) Ibid.
- 11) Lacan, Jacques. El seminario XXI. Les non-dupes errent. Inédito. Clase del 12/3/1974.
- 12) Freud, Sigmund. "La feminidad", en Nuevas lecciones introductorias al psicoanálisis. Obras completas. Biblioteca nueva. Madrid, 1973. Pág. 3176.
- 13) Lacan, Jacques. El Seminario. Libro VII. La ética del psicoanálisis. Paidós. Buenos Aires, 1988. Pág. 357.
- 14) Lacan, Jacques. "La tercera", en Intervenciones y textos 2. Manantial. Buenos Aires, 1988. Pág. 90.
- 15) Lacan, Jacques. El seminario XXI. Les non-dupes errent. Inédito. Clase del 11/6/1974.
- 16) Lacan, Jacques. El Seminario Libro VII. La ética del psicoanálisis. Paidós. Buenos Aires, 1988. Pág. 84.
- 17) Ibid. Pág. 354.
- 18) Ibid. Pág. 339.
- 19) Ibid. Pág. 355.
- 20) Lacan, Jacques. El seminario XXI. Les non-dupes errent. Inédito. Clase del 18/12/1973.
- 21) Ibid.
- 22) Ibid.
- 23) Lacan, Jacques. "Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse", en Ecrits. Editions du Seuil. Pág. 1966.
- 24) Lacan, Jacques. El seminario XV. El acto psicoanalítico. Inédito. Clase del 20/3/1968.
- 25) Lacan, Jacques. El seminario XXI. Les non-dupes errent. Inédito. Clase del 9/4/1974.
- 26) Lacan, Jacques. El seminario XV. El acto psicoanalítico. Inédito. Clase del 6/12/1967.
- 27) Lacan, Jacques. El seminario XXI. Les non-dupes errent. Inédito. Clase del 11/6/1974.